

PORTUGUES ; APPEL EN LANGUE PORTUGAISE

PREMIER SIGNATAIRE : MIGUEL URBANO RODRIGUES, ancien député portugais au Conseil de l'Europe

JUNTOS, DERROTEMOS O PROJECTO IMPERIALISTA QUE VISA FAZER DO ANGLO-AMERICANO DOS NEGÓCIOS A LÍNGUA ÚNICA MUNDIAL

APELO INTERNACIONALISTA E PROGRESSISTA À RESISTENCIA LINGUÍSTICA E CULTURAL

Sob a máscara de pseudo «modernidade», **um projecto imperialista de extrema gravidade visa a impor aos povos uma língua planetária única.** Mobilizando para o efeito enormes recursos financeiros, mediáticos, institucionais e, por vezes, militares, o imperialismo americano, as instituições da mundialização neoliberal, a Europa supranacional capitalista, as transnacionais «nacionais» que lhe estão enfeudadas, o grande patronato, a finança, as transnacionais utilizam os seus enormes meios mediáticos para «apagar, marginalizar e erradicar as línguas nacionais e locais para impor a todos os povos uma «cultura» única (o «american way of life») e uma língua única (o «business english»). Línguas, culturas seculares, que pertencem ao património universal da humanidade, estão ameaçadas de morte ou relegação. Por detrás da fachada sedutora de uma língua «comum» planetária, **um projecto de dominação e discriminação sem precedentes pela escala está a ser montado.**

Efeitos destruidores culturais e linguísticos são já visíveis em muitos países e isso tende a acentuar-se de maneira rápida e irreversível se os povos e as suas organizações progressistas não acentuarem e federarem as suas resistências: essa opressão linguística traduz-se já por uma **insuportável hierarquização dos povos** em função da sua submissão à língua dos «senhores», pela **decomposição programada das nações** em benefício dos monopólios capitalista e do seu «libre échange» sob a tutela estadunidense, a **relegação nacional e social de povos inteiros, a humilhação e a marginalização sociopolítica das classes populares**, a implantação de uma pseudo elite «mundializada» que se gaba de desprezar a língua do seu povo para melhor seguir os diktats das instituições supra nacionais do capital – eis aquilo a que pode levar o triunfo do actual projecto que visa a encaminhar zonas cada vez mais amplas do planeta para a língua única e a «cultura» única impostas pelo imperialismo estadunidense

A língua inglesa, bem entendido, não é culpada deste perigoso projecto «planetário»: porque o que promovem – investindo nele milhares de milhões – as transnacionais e as instituições políticas a seu serviço – não é o inglês de Shelley ou de Hemingway: o «business english» é um código empobrecido e ideologicamente formatado, totalmente separado da história dos povos, das suas necessidades e das suas lutas, um modo de comunicação que transmite por todo o lado sub-repticiamente a ideologia dominante do capital financeiro mundializado: à língua dominante corresponde assim o projecto hegemónico e liberticida de um mercado, de um pensamento, de uma política, de um modo de gestão económico únicos que não deixa qualquer espaço à diversidade dos projectos políticos e intelectuais de que a cultura necessita para viver e se desenvolver. E esse projecto uni-linguístico e mono cultural é tanto mais perigoso quanto é «vendido aos povos sob a etiqueta do «futuro» e da «liberdade» ...

Perante esse projecto mundializado de opressão e de erradicação cultural, os militantes do movimento popular, os intelectuais progressistas, devem recordar esta evidência: a unidade internacional da humanidade, pela qual milita desde sempre o movimento operário e democrático, nada tem a ver com o alinhamento dos povos em torno de um grupo dominante de países, menos ainda com a pretensão do capitalismo mundializado de impor a todos e para sempre as suas normas regressivas, mercantis, ultra-violentas e de-civilizadoras. Tal como ensinaram os pensadores progressistas de todos os países, **o internacionalismo dos trabalhadores não se opõe ao patriotismo popular**, pelo contrário: porque somente aspira ao direito dos povos a dispor deles mesmos, o **patriotismo popular opõe-se ao colonialismo ao cosmopolitismo capitalista, ao supra nacionalismo imperialista**, assim como aos seus instrumentos ideológicos: racismo e xenofobia. **Para se avançar rumo à unidade internacional dos povos, o caminho mais curto não é o domínio de uma nação ou de um grupo de nações «eleitos», impondo ao mundo a língua e o modo de vida da sua classe dominante, mas o direito efectivo de todos os povos de desenvolverem a sua economia, a sua cultura, a sua língua, as suas conquistas sociais, num intercambio igualitário:** assim procedem hoje os povos soberanos que constituem a ALBA: utilizam para se comunicar línguas internacionais, sobretudo o espanhol, mas que demonstram também um grande respeito pelas línguas indígenas, por tanto tempo negadas pelo colonizador

Para resistir e passar à contra-ofensiva, os povos dispõem de uma arma poderosa: a solidariedade internacional. Esta deve obviamente desenvolver-se com ímpeto nos terrenos político e social para enfrentar a ofensiva do capitalismo confrontado com a sua crise sistémica e desejo de explorar a fundo, inclusive no plano cultural e linguístico, o desaparecimento do campo socialista. Mas, porventura não é também necessário **desenvolver por todo o lado e de maneira coordenada as resistências culturais e linguísticas, promover entre os povos autênticos intercambios culturais igualitários, contornar e quebrar o monopólio dos meios do imperialismo e da sua indústria cultural mercantil, encorajar um verdadeiro multilateralismo linguístico, combater o «todo inglês», desenvolver sem complexos as línguas nacionais, recusar o monopólio do anglo-americano e desenvolver o plurilinguismo no movimento operário e democrático, no quadro dos intercambios internos, reflectir sobre a eventual utilização de uma língua internacional neutra (1), fazer por todo o lado da resistência linguística uma componente essencial do combate popular e progressista?** Essa é uma tarefa honrosa para todos os militantes e organizações intelectuais que colocam no primeiro plano a sua união com o próprio povo, a união à igualdade de todos os povos, **a recusa de colaborar na instalação de uma «nova ordem linguística e cultural mundial»,** em troca de uma situação na aparência vantajosa, mas secretamente humilhante para eles e para o seu pensamento político, filosófico, científico, literário, artístico, técnico.

Aqueles que iniciaram este texto a isso convidam todos quantos quiserem apoiá-lo e difundi-lo amplamente sobretudo entre os intelectuais do progresso, dos militantes e das organizações do movimento popular.

INICIADORES:

França: Georges Gastaud, filósofo, militante comunista, resistente linguístico; Annie Lacroix -Riz, professora de história contemporânea, Paris 7, resistente linguística; Mathieu Varnier, investigador em robótica, secretário-geral do Co.U.R.R.I.E.L (Colectivo Unitário Republicano para a Resistência, a Iniciativa e a Emancipação Linguística).

1-Que poderia ser o esperanto, mas naturalmente essa questão deve ser amplamente debatida?